

Instituto de Arte Contemporânea

Etapas da Arte Contemporânea Ferreira Gullar

Trabalho de fôlego e ao mesmo tempo de juventude, escrito aos 29 anos, na década efervescente das Bienais e do desenvolvimentismo, período em que a nova informação nos chega abundante e as polêmicas são intensas, estas *Etapas da arte contemporânea* na verdade visam retrazar os caminhos da arte a partir dos movimentos de rompimento de inícios do século até a arte concreta e neoconcreta que em 1959 significavam a vanguarda da arte entre nós.

Conheci Ferreira Gullar em 1954, na 2ª Bienal de São Paulo, o cabelo muito negro escorrido — anguloso como imagem viva de uma xilo de expressionismo alemão — magro de impressionar, terno escuro e jornal dobrado debaixo do braço, com Lucy Teixeira e sempre ao lado de Mário Pedrosa, ouvindo como todos nós desta geração os debates e conferências de Vedova, Gropius, ou Romero Brest, vagando imantados pela admiração através das salas das grandes retrospectivas do Ibirapuera.

Assim, os diversos capítulos desta série (cubismo, futurismo, movimentos russos, neoplasticismo, Bauhaus, arte concreta, arte neoconcreta) focalizam inclusive os principais artistas destes movimentos, em época em que a única bibliografia à nossa mão era em francês, inglês, com pouca coisa em espanhol (e esse dado não é desconsiderável como observação, embora hoje talvez nem sequer se atente a isso).

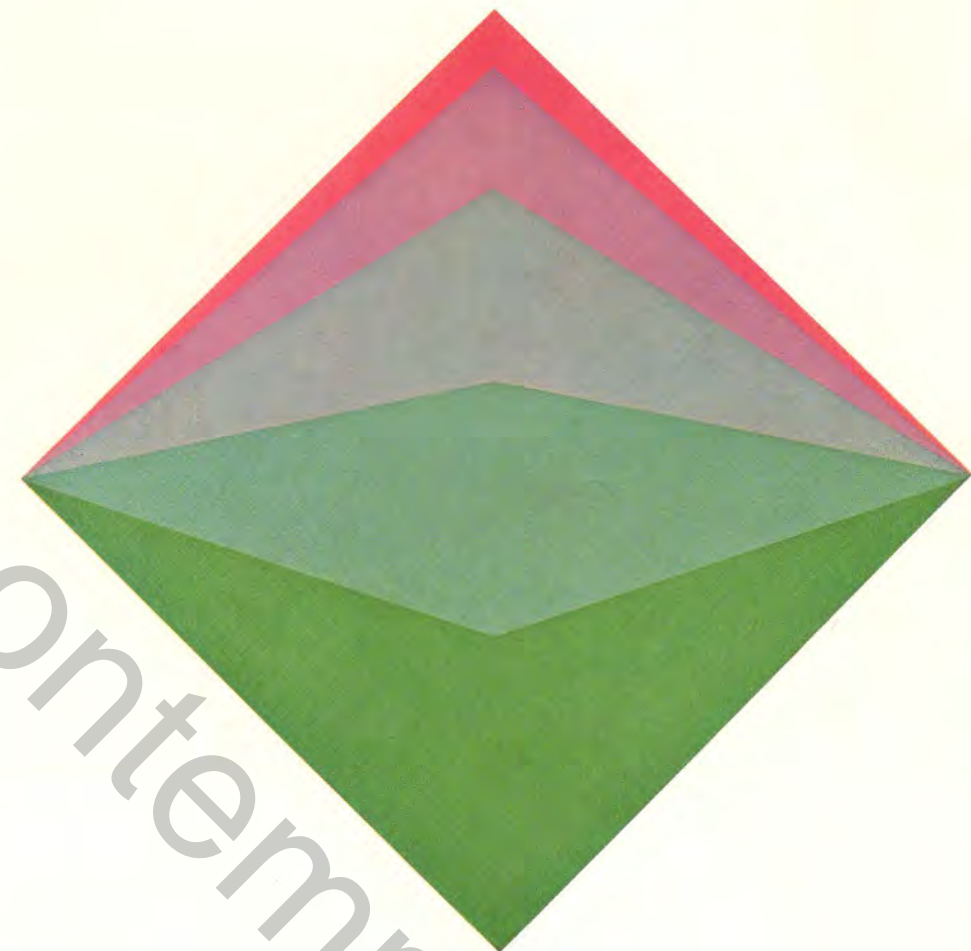
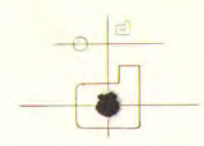
Textos para publicação em jornal — e o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB) marcou por certo uma época em nossa história cultural ao abrir espaços para a focalização dos movimentos contemporâneos com a diagramação ousada de Amílcar de Castro —, estas reflexões são um testemunho evidente de um nível intelectual hoje talvez perdido em nossos veículos de divulgação.

Por outro lado, a reunião destes artigos vem revelar uma faceta desconhecida de uma personalidade artística — Ferreira Gullar — que as novas gerações aprenderam a admirar através de sua obra poética, ou como crítico de arte: multifacetado em seus interesses, da dramaturgia ao trabalho para a televisão, da poesia ao ensaio, em que se envolve com brilho excepcional. Referimo-nos ao crítico diante da história da arte, seu intérprete, realizando reflexões bem como tentando entender o momento contemporâneo brasileiro — no caso, focalizando em particular o final dos anos 50 — à luz do desenvolvimento das pesquisas dos artistas e do rompimento ocorrido a partir do cubismo na primeira década do século.

É importante a edição deste volume, por ser muito raro o crítico de arte brasileiro abordar — e isso ainda hoje — o desenvolvimento da arte internacional com tanta desenvoltura e pertinência, articulando nosso momento artístico a essas correntes. A dimensão de Ferreira Gullar como crítico e teórico de arte, a maior contribuição na contemporaneidade brasileira a nosso ver, vê-se, assim, ampliada, a par da informação necessária, que veicula para o grande público a partir de uma visão de mundo nossa. E eleva-se, em conseqüência, ao justo reconhecimento por essa postura ímpar entre os críticos brasileiros.

Aracy Amaral

Etapas da Arte Contemporânea
Ferreira Gullar
Nobel



Nobel



policolor
estúdio de reproduções gráficas ita. fotolito
R. Pedro Vicente, 196 (Ponte Pequena) Fone: 229-9744